

OS ATORES SOCIAIS DO SUBMUNDO DA CIBERCULTURA: DISSECAÇÃO DO SISTEMA DE CAPATAZIA

Data de aceite: 03/06/2024

Priscila Gonçalves Magossi

Doutora em Comunicação e Semiótica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Pós-Doutora em Comunicação e Cultura Midiática (Universidade Paulista). Diretora editorial da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Biênio 2024-2025)

O estudo é parte do Pós-Doutorado da autora intitulado "Submundo da cibercultura: violência contra a mulher e reprogramação do imaginário social" (2023).

RESUMO: O presente estudo propõe-se a dissecar o sistema de capatazia do submundo da cibercultura. Com palavras precisas, objetiva-se mapear, classificar e definir os atores sociais responsáveis pela reprogramação do imaginário social. Para tanto, o presente estudo especifica as seguintes categorias: mandantes ocultos (proprietários), capatazes ocultos (equipes de *marketing*), capatazes

evidentes (representantes dos *sites* adultos, influenciadoras digitais e *coaches*). Na circunferência deste estudo, o mencionado submundo correspondente ao agrupamento complexo de grandes empresas, apoiadas em tecnologias digitais, que desenvolvem padrões de atuação no mercado corporativo do erotismo digital a partir da violência contra a mulher. Neste contexto, a reprogramação do imaginário refere-se ao curto-circuito do simbólico bem-sucedido, no qual narrativas de apropriação, distorção e vilipêndio dos direitos fundamentais (sobretudo sociais e civis) são dissuadidas nos meios de comunicação (sobretudo híbridos e interativos) confundindo, assim, violência contra a mulher com empoderamento da mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Submundo da cibercultura; sistema de capatazia; violência contraconstitucional, violência invisível; violência contra a mulher.

INTRODUÇÃO

Não fossem exceções por beiras convictas e resistentes (e com fiação também sistêmica), o Brasil seria hoje um submundo quase absolutizado – do fundo do lodaçal ao neon glamuroso das telas, à sombra autolegitimatória e positivada da visibilidade multimidiática.

— Eugênio Trivinho¹

A presente reflexão versa sobre a relação inextricável entre submundo da cibercultura e violência contra a mulher² dissuadida nos meios de comunicação pelo sistema de capatazia do setor, isto é, pelos atores sociais envolvidos no processo de reprogramação do imaginário do tecido social. O estudo objetiva contribuir para o cinturão crítico da sociofenomenologia dos processos invisíveis da cibercultura³ a partir da dissecação de um bioma desregulamentado pelo poder judiciário internacional, cujas negligências empresariais cometidas contra os direitos humanos impactam o rumo do processo civilizatório em curso.

No escopo desta pesquisa, o oligopólio do submundo da cibercultura⁴ é compreendido por grandes estruturas tecnológicas de poder, regidas por proprietários ocultos, atuantes no mercado do erotismo digital, a partir do condicionamento das vítimas à violação dos seus direitos fundamentais por meio da assinatura do contrato de prestação de serviços universal⁵. Seguindo essas diretrizes classificatórias, *todos os sites* adultos de pornografia,

1 Citação do artigo “*Magmas do submundo*”, publicado na Revista *Cult*, em 20.dez.2021, disponível pelo link: <https://revistacult.uol.com.br/home/magmas-do-submundo/>. Acesso em 13/09/2023.

2 O recorte do *corpus* pelo mercado heterossexual atende exclusivamente aos objetivos da investigação: a sobrevivência da indústria adulta digital enquanto modelo de negócios depende da organização, produção e circulação da violência escalonada contra a mulher na rede, cujo consumo majoritário é feito pelo homem heterossexual.

3 Com base nos estudos críticos do professor Eugênio Trivinho (2007, 2009, 2010), a sociofenomenologia dos processos invisíveis da cibercultura é marcada pela lógica operacional de três culturas (i) cultura dromocrática (reconhecida pela velocidade); (ii) cultura pós-moderna (reconhecida pela fragmentação, excesso e hipertelia); e, (iii) cibercultura (reconhecida pelo digital) articuladas pela glocalização da vida humana (reconhecida como vertente híbrida de terceira grandeza situada na relação inextricável entre local e global).

4 A presente pesquisa apreende o ciberespaço como palco estrutural da reconfiguração dos processos psicossociais atuais, cujo estudo é dividido em duas categorias distintas: (i) oligopólio das *Big Techs* da superfície das redes interativas (empresas de porte global e elevado faturamento, com participação decisiva na indústria de tecnologia, voltadas para produtos e serviços relacionados às comunidades virtuais. Entre os *big players* da superfície das redes interativas, destacam-se: *Twitter, Facebook, Instagram e TikTok*) e (ii) oligopólio cartelizado dos *sites* do submundo (grandes estruturas de poder, articuladas na rede por um sistema de capatazia próprio, voltadas para o direcionamento da produção, circulação e manutenção da oferta e da demanda das performances eróticas da rede por meio de um contrato de violação dos direitos fundamentais das vítimas. Entre os *big players* do submundo adulto internacional, destacam-se: *PornHub, Chaturbate, LiveJasmin e OnlyFans*. Em território nacional opera-se em monopólio oligárquico: *Câmera Prive*. A proposta epistemológica de distinção entre superfície e submundo refere-se a questões de ordem política e diferenciações entre a lógica operacional de cada ambiente digital. Com palavras precisas, não se trata de um portal moral, mas de modelos de negócios distintos. Ambas as dimensões merecem críticas.

5 O estudo em questão utiliza como referência da violação da Constituição de 1988 o contrato público do *site* adulto *Câmera Prive/OnCam/Transaciona* (antiga *Dark Media Group*). O motivo da escolha por este contrato desta empresa específica refere-se a fatores (i) de ordem ética (no sentido de proteção à vida da pesquisadora): sendo o submundo uma configuração abandonada pelo poder judiciário internacional, é prudente analisar um contrato público e (ii) de ordem científica (em termos de impacto social da pesquisa): no Brasil, esta plataforma é monopólio. Isso significa que todas as mulheres brasileiras que apenas falam a língua portuguesa estão sujeitas à tirania do que é exigido pelo proprietário oculto deste *site*. As 28 cláusulas contratuais exigidas foram examinadas com atenção pela pesquisadora. Entre as exigências feitas em caráter total, definitivo, irrevogável e irretirável, destacam-se: (i) é exigido da vítima o direito vitalício da sua imagem para comercialização em *websites* eróticos, independentemente da contratante considerar esse uso obsceno, ofensivo ou censurável; (ii) é exigido que a vítima aceite que o uso ilegal de sua imagem seja feito por

webcamming e *packs* eróticos enquadram-se no termo-conceitual. A submissão à violência não é opcional, mas uma imposição da cadeia de comando sobre a vítima.

Nota-se que apesar da pesquisa estar inserida na área de Comunicação, o contrato de prestação de serviços dos *sites* eróticos interfere diretamente na leitura do fenômeno comunicacional. Sendo assim, as cláusulas contratuais contraconstitucionais são o ponto de partida desta reflexão teórica. De acordo com as exigências unilaterais das plataformas adultas, a mulher abdica por período *vitalício* dos seus direitos de imagem, de privacidade e de proteção de dados. Em outras palavras, o submundo condiciona a vítima a perda dos seus direitos sociais e civis garantidos pela Constituição de 1988 assim que cria um perfil no *site* adulto, o que configura uma regressão histórica inaceitável, completamente incompatível com o simulacro publicitário da capatazia do setor.

A capatazia do submundo⁶, por sua vez, refere-se aos atores sociais envolvidos no processo de articulação da capitalização da violência contra a mulher (sobretudo contraconstitucional, simbólica e invisível) por meio da alimentação e retroalimentação das principais falácias:

- I. controle do outro confunde-se com “interação com o outro”;
- II. subjugação feminina confunde-se com “empoderamento feminino”;
- III. aprisionamento vitalício por contrato confunde-se com “liberdade sexual da mulher”;
- IV. performances hiper-reais controladas por métricas algorítmicas das empresas confundem-se com “diversão genuína”;
- V. sobrevivência financeira confunde-se com “poder de escolha”; e assim por diante.

O objetivo deste artigo é dissecar o modo pelo qual as *fake news*, isto é, narrativas de apropriação, distorção e vilipêndio dos direitos fundamentais (sociais e civis) das mulheres são transformados em simulacros publicitários de tal sorte que a violência sistêmica é ocultada do escrutínio público. Para tanto, o presente estudo nomeia um grupo de indivíduos responsáveis por esse curto-circuito do simbólico e especifica as seguintes categorias: mandantes ocultos (proprietários), capatazes ocultos (equipes de *marketing*), capatazes evidentes (representantes dos *sites* adultos, influenciadoras digitais e *coaches*). No intuito de evitar manobras dos *sites* adultos contra a vida da pesquisadora e das vítimas,

terceiros sem remuneração, sem ser informada, sem qualquer ônus, concordando, de modo irrevogável e irretirável, a não propor ação contra a empresa, o proprietário e os associados invisíveis do cartel, independentemente dos danos morais, patrimoniais, sexuais e existenciais que sofra; (iii) no caso de conflitos judiciais, condicione-se a vítima a destruir provas contra a empresa, o proprietário e associados, e colabore com as autoridades a favor da plataforma; (iv) no caso de conflitos direto entre as partes, a vítima é ameaçada a ter a sua intimidade exposta e se responsabilizar pelas despesas dos empresários. O contrato *público* da empresa pode ser acessado pelo *link*: <https://models.cameraprive.com/br/legal/platform-agreement/print>. Último acesso em 31/01/2024.

⁶ O tema foi introduzido pela primeira no artigo proposto ao XV Simpósio Nacional da ABCiber, “Vítimas internas do submundo: reprogramação algorítmica e ideológica do imaginário feminino” (2022), no tópico “Capatazes evidentes e proprietários ocultos”, e será detalhado neste estudo. Acesso disponível pelo *link*: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber15/paper/view/1854/895>.

este estudo utiliza somente dados públicos. Sobreleva-se o aspecto teórico, com ênfase no referencial epistemológico das teorias críticas da comunicação, da cultura virtual e do imaginário.

SUBMUNDO E VIOLÊNCIA CONTRA O SENTIDO

Segundo a teoria de Bourdieu (2004), a estrutura social é um sistema hierárquico, cuja compreensão do que é comunicado depende de um repertório prévio de conhecimentos. Considerando essa perspectiva, o *modus operandi* dos sites adultos ordinários (pornografia, *webcamming* e vendas de *packs* eróticos⁷) configura-se como um submundo de bases tecnológicas, articuladas a partir de um conjunto de imperativos no qual a premissa básica é a violência contra a mulher encoberta pela falácia do empoderamento feminino. O simulacro⁸ (BAUDRILLARD, 1991) do submundo (simulação de um modelo sem precedentes) apresenta a artificialidade signica de *performances* eróticas hiperreais padronizadas como interatividade genuína em tempo real. Desse modo, o imaginário social (CASTORIADIS, 1986) é utilizado como dispositivo de controle social ao determinar quais *performances* eróticas serão catalogadas e como serão distribuídas na rede para acúmulo de riqueza dos proprietários ocultos das empresas.

Com repertório cultural crítico é possível apreender que produtos fabricados por empresas advêm da captura de carências e necessidades humanas, seguida da sua transformação em mercadorias precificáveis. Tendo o lucro como objetivo, é fundamental embutir desejos padronizados na sociedade para facilitar a fabricação e a venda de produtos, e, assim, controlar a oferta e a demanda do mercado. A lógica em questão incide no fato de que o controle da produção de sentido de uma sociedade está estritamente ligado ao controle da ideologia do imaginário para, assim, controlar o consumo do tecido social. Para isso, é preciso limitar ao máximo a potência criativa do imaginário, reduzindo-o à mero reprodutor de simulacros.

Nessa chave de leitura, Jean Baudrillard (1991) reflete sobre o atual horizonte epocal e diagnostica a “era da simulação *mediática*”: um processo civilizatório organizado

7 A diferença estrutural entre as três indústrias distintas que compõem o submundo da cibercultura (pornografia, *webcamming* e venda de *packs* eróticos) foi especificada no artigo “Vítimas internas do submundo: reprogramação algorítmica e ideológica do imaginário feminino”, publicado no XV Simpósio Nacional da ABCiber (ver tópico “O oligopólio cibercultural do submundo”). Em suma, a pornografia digital (1996) refere-se às *performances* sexuais gravadas e assistidas assincronicamente na rede. O *webcamming* (1998) depende da interação síncrona entre o consumidor e a vítima na rede. Já os sites de vendas de “*packs*” de fotos e de vídeos eróticos (2016) referem-se às hibridações entre as duas indústrias associados à lógica das redes sociais. As empresas e os seus respectivos tomadores de decisão possuem diferentes recursos à sua disposição, têm objetivos particulares e seguem estratégias peculiares para atingi-los. Entretanto, o submundo configura-se como um oligopólio cibercultural. Isto é, as estratégias gerais dos três mercados são decididas em regime de colaboração de tal sorte que o catálogo de *performances* eróticas disponibilizadas por toda rede é exatamente o mesmo. O objetivo é controlar tanto a oferta quanto a demanda de *performances* hiperreais em prol da manutenção da pulsão patriarcal e da subversão feminina. Para tanto, o sistema de capatazia é indispensável, bem como o contrato universal de violação dos direitos fundamentais. Acesso disponível pelo *link*: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber15/paper/view/1854/895>.

8 Simulacro é conceito de Jean Baudrillard (1991) desenvolvido a partir da relação do indivíduo contemporâneo com o meio, fundamentalmente caracterizado (i) pelo consumismo desenfreado, (ii) pela mediação tecnológica e (iii) pelo estímulo de tornar a realidade “mais real do que o real” (ibid., p. 20).

em torno de simulacros, simulações e hiper-realidade. Nessa “liquidação dos sentidos” (BAUDRILLARD, 1991, p. 109), toda experiência de vida humana está contaminada. Isto é, tudo se tornou um simulacro: o mundo do trabalho, o teatro, a arte, a política, o sexo e assim por diante. A problemática da impossibilidade de diferenciação entre simulação e realidade é emergência do reino das aparências. De acordo com o autor, as aparências são indiferentes ao sentido ou à ausência de sentido, visto que pertencem ao domínio do hiper-real. Desse modo, as significações são esvaziadas e o próprio mundo em curso é substituído por um “mundo-cópia”, no qual as experiências de vida são simuladas e não sentidas.

Assim, os avanços tecnológicos prescrevem uma nova ideologia baseada na “mecânica do conformismo” (MARCUSE, 1979, p. 59), que submete a racionalização individual em prol da imposição de uma racionalidade institucional, a partir de um falso modelo de liberdade de escolha: define-se um modelo de consumo, instaura-se um estilo de vida, cria-se uma sociedade alienada. O autor utiliza o termo “sociedade unidimensional” para demonstrar o poder de influência (controle) social que este tipo de sociedade exerce sobre as consciências humanas. Assim, a autonomia da razão encontra seu túmulo nesse sistema de controle, produção e consumo padronizado.

Do ponto de vista social-histórico, Edgar Morin explica que “as sociedades domesticam os indivíduos através de mitos e ideias que, por sua vez, domesticam as sociedades” (1988, p. 157). Nessa conjuntura, o apagamento do espaço, do tempo e do corpo na realidade virtual possibilita a aceleração dessa domesticação. Para tanto, o canal *mediático* é vetor fundamental para a *reprogramação do imaginário social*⁹ (processo *tecnomediático* subordinado à lógica mercantil do capitalismo de vigilância¹⁰, da visibilidade *mediática*, e da dromocracia cibercultural, resultante na alteração dramática da identidade, da mentalidade, do comportamento, do afeto, da sexualidade e do valor social).

A lógica mercantil dessa manobra bem conhecida na superfície se repete no submundo do ciberespaço com a sexualidade humana: a ação publicitária concentra-se em instaurar um padrão homogêneo para controlar a oferta (as *performances* das trabalhadoras) e a demanda (o desejo dos consumidores). Neste ponto da reflexão identifica-se “uma dialética produção-consumo” (MORIN, 1986). Para efetivação da manobra, os meios de comunicação ocultam sua ideologia e seus produtores de modo que o tecido social tenha a falsa sensação de que não existem intenções e atores por trás da comunicação¹¹

9 O conceito é de autoria própria (2021) e enquadra-se no arco de caracterização da sociotecnologia dos processos invisíveis da cibercultura. O fenômeno abrange a *reprogramação algorítmica*, que pressupõe (e também conduz à) *reprogramação ideológica* do imaginário. Trata-se de um processo de redução da potência do imaginário à reprodução da ideologia digital hegemônica, isto é, àquela programada por algoritmos de oligopólios ciberculturais (da superfície ao submundo da cibercultura) e que circula na rede com a intenção de manter os valores do *status quo*.

10 O conceito “Capitalismo de vigilância”, desenvolvido pela pesquisadora Shoshana Zuboff (2021), refere-se a um modelo de mundo no qual os dados dos usuários na rede são monetizados. Assim, toda experiência de vida humana é abocanhada pelo capital. Nessa perspectiva, a devastação apresenta-se tão grave e radical para a humanidade como foi a desfiguração causada pelo capitalismo industrial sobre o mundo natural no século XX.

11 O princípio da hipnogenia, conceituado por Baitello Jr. (2008, p.97), refere-se ao ocultamento das intenções dos meios de comunicação seguida da transferência para o corpo social das consequências do consumo dos seus produtos.

(BAITELLO JR., 2008, p. 97). Contudo, toda comunicação é intencional e apresenta bases ideológicas, cuja finalidade é impulsionar um estilo de vida voltado para o consumo.

Em articulação com essa reflexão, Marilena Chauí (1984) define a ideologia como expressão da dominação de uma classe sobre outra. Trata-se de um sistema de ilusões que desliza sobre a sociedade tendo como objetivo principal tornar a dominação invisível. A lógica em questão está no fato de que caso a dominação de uma classe sobre a outra for diretamente percebida há risco dos oprimidos se revoltarem contra os opressores. Portanto, é tarefa da ideologia ocultar suas intenções políticas e econômicas, promovendo uma narrativa homogênea de que todos os indivíduos são livres e iguais, e que se relacionam espontaneamente dentro de um sistema completamente abstrato. Para tanto, as ideias aparecem como se tivessem vida própria, e não como se estivessem sido estrategicamente embutidas. Essas “*ideias sem autor*” são convertidas em “ideias comuns a todos” (CHAUÍ, 1984, p.94) e surgem como uma explicação da realidade, que orientam os atores sociais sobre a vida cotidiana. Esse conjunto articulado de ideias é encarregado de silenciar os discursos de oposição por meio da criação de “universais abstratos” (CHAUÍ, 1984, p.95). Assim, implode-se sobre o social um único discurso: o da classe dominante.

No que se refere ao objeto de estudo, os simulacros encenados no submundo são compreendidos como palco estrutural das experiências afetivas e sexuais contemporâneas, uma realidade híbrida que reproduz a fase mais avançada do capitalismo. Trata-se, portanto, de uma “violência contra o sentido” (BAUDRILLARD, 1991, p.110).

As empresas do submundo são organizadas a partir de um esquema corporativo invisível que objetiva acúmulo de riqueza para os seus proprietários. Considerando que o afeto e a sexualidade humana são as mercadorias, a capatazia elabora estratégias distintas de manipulação ideológica para o público masculino (usuários) e feminino (vítimas):

- I. Para o consumidor, a manobra principal consiste no *feed* algorítmico de conteúdo erótico hipersegmentado que encoraja a violência contra a mulher.
- II. Para a vítima, a cilada principal consiste no contrato de prestação de serviços, no qual é exigida a licença vitalícia da imagem feminina para comercialização de todo o conteúdo produzido pela mulher entre todos os *sites* parceiros — sem remunerá-la, sequer avisá-la.

Para ocultar a violência sistêmica, o discurso publicitário é o principal recurso de alienação ideológica. A capatazia do setor promove confusão semântica na ordem dos valores humanitários mais caros, confundindo violência contra a mulher com esperança de reconhecimento, carreira e sobrevivência financeira.

Considerando que a padronização do consumo é fundamental para garantir o funcionamento da engrenagem, também é preciso padronizar o sujeito, ou seja, reprogramá-lo. Nesse recorte, a reprogramação específica do submundo refere-se à substituição anestésica das significações e valores psicossociais individuais por uma nova programação que segue interesses mercantis. Nessa lógica, o fenômeno refere-se

à alteração dramática no comportamento e na percepção do indivíduo sobre a realidade, incapacitando-o de produzir diferentes representações simbólicas. Dessa forma, ocorre o curto-circuito na capacidade imaginativa do sujeito, de modo que apenas a ideologia do conteúdo que lhe é entregue seja reproduzida. Por consequência, o imaginário do indivíduo passa a operar como mero flagelo humano domesticável. Nesse sentido, “o homem virtual é um homem abstrato a quem ainda falta a existência” (LE BRETON, 2003, p.25).

Nota-se que o diagrama do submundo trabalha com um tipo de exploração que não é apenas econômica, mas existencial. Sendo assim, a exploração é também de ordem simbólica. Posto isso, o exercício do poder simbólico das empresas do submundo passa pela manipulação ideológica do imaginário social. Diante dessas colocações, a inexorabilidade da sobrecarga civilizatória enquadra a manipulação do submundo em um novo patamar de adormecimento da consciência crítica: o da reprogramação do imaginário em contexto cibercultural. Neste instante, vale a indagação de Baudrillard: “O que existe além do fim? Além do fim estende-se a realidade virtual, o horizonte de uma realidade programada na qual todas as suas funções — memórias, emoções, sexualidade, inteligência — se tornam progressivamente inúteis” (ibid., 1991, p. 43).

A devastação irreversível do submundo dialoga com o conceito de poder simbólico, definido por Pierre Bourdieu (2004). Nessa perspectiva, uma concepção homogênea de sentido, valores e hierarquias é formada e propagada na intenção de reproduzir e manter a ordem social. Segundo Marilena Chauí (2023), o drama silencioso do processo civilizatório em curso abarca a zona de conforto dos tiranos: a criticidade está no lodo da invisibilidade. O ciclo da ideologia se cumpre com a necrose do pensamento crítico em prol da subserviência de corpos dóceis. Desse modo, as vítimas são subordinadas ao conformismo diante do qual a ordem social tipificada do submundo é estabelecida e reforçada diariamente pelas publicações na rede das *coaches* e influenciadoras digitais, pelas instruções dos gerentes e equipes de *marketing* das empresas, pelas campanhas promocionais, premiações e competições entre pares, e assim por diante. Vive-se, portanto, “a banalidade do mal” (ARENDR, 1999) e o vilipêndio do direito a ter direitos (ARENDR, 1978).

Em conexão com o transcurso percorrido, Trivinho (2023) trabalha a violência e a morte simbólica em sintaxe invertida e recontextualizadora — evocativa da crítica social de Baudrillard e Bourdieu: “Mata-se a alteridade em vida ao se agredir sua identidade, sua história e seu *modus vivendi*. Ela é abatida esfaqueando-se sua autoimagem e fazendo sangrar sua autoestima – numa palavra, arrasando-se sua potência”. Ainda de acordo com autor:

Ouçã-se a potência autoritária do próprio fenômeno, traduzida literariamente em seu delírio de suposta autocrítica: a violência simbólica, se pudesse ser “democratizada” fora dos marcos da covardia, alegaria, em discurso ocluso, que as gentes devem rir não de inocentes e vulneráveis, mas de quem possui as mesmas armas de autodefesa, com possibilidade, ao menos, de igual riso, redentor em relação à agressão. Segundo esse princípio (tão hipotético quanto embaraçoso), quem escolhe voluntariamente frentes de batalha justifica a viabilidade de ser alvejado. Sorrateira, a violência simbólica, porém, escapa a qualquer condição similar de partida: a reificação de sua hierarquia incorpora, de fato, covardia; como em todo conflito bélico, ela alveja inocentes e vulneráveis, desprovidos dos mesmos recursos de revide (ibidem).

Práticas de violência simbólica em articulação com marcos de covardia em discurso ocluso definem com precisão as manobras do submundo da cibercultura. Posto isso, o próximo tópico dedica-se a desvelar o sistema de capatazia: quem são e como agem os atores sociais dos *sites* adultos, incluindo a naturalização de condutas criminosas e a invisibilidade dos mandantes das empresas. É preciso investir todos os esforços argumentativos na demonstração da violência do submundo da cibercultura contra a mulher e a democracia. A esperança — aparentemente sem calendário estabelecido — é a de que esse descabro contra os direitos humanos se torne *memória do nunca mais*.

MANDANTES OCULTOS

A argumentação neste tópico envolve mapear *quem* efetivamente lucra com a fabricação e a comercialização da violência contra a mulher, bem como com a limitação da potência do imaginário social a mero flagelo domesticável a métricas comerciais?

Dentro do diagrama do submundo, esses sujeitos são os atores intelectuais do modelo de negócios. Tratam-se dos proprietários das empresas, invisíveis do escrutínio público, que conferem aos capatazes poder de agir em nome das empresas. Articulados em esquema de cartel, calculam cada passo do processo, mas não sujam suas mãos.

O compromisso da presente pesquisa com uma pauta política, social e tecnológica como esta sugere complemento reflexivo importante: as discussões sobre a temática costumam girar em torno das as mulheres que produzem o conteúdo e/ou sobre os homens que os consomem. Não há sequer questionamento sobre a atuação desses sujeitos ocultos.

Esses empresários utilizam-se de arranjos societários para se manter em sigilo. Todavia, a relação entre sócio e empresa é uma informação pública. Todo nome de domínio de *site* adulto é um nome fantasia. Para identificar qual é o titular do *site* adulto basta saber qual é a razão social e/ou CNPJ de cada empresa (aquele que está no contrato de prestação de serviço), e assim procurar por esse nome em *sites* de busca (como *Google*). Assim, informações expressivas serão reveladas, tais como associação da empresa em outros países do globo, capital envolvido e assim por diante. Entre as principais atividades laborais dos mandantes ocultos no diagrama do submundo, destacam-se:

- I. Decidir o que será exigido da vítima no contrato leonino e contratar capatazes para elaborar o contrato;
- II. Definir *quais* vozes de oposição serão silenciadas e *como*, bem como enviar capatazes para tal;
- III. Definir *como* os meios de comunicação serão infestados com *fake news* e *passar a responsabilidade para a capatazia executar*,

Observa-se que a função dos capatazes é de grande valia para esses empresários. Neste ponto da argumentação, importa esclarecer a diferença entre funcionários da superfície e capatazes do submundo. Na lógica operante da superfície, *qualquer indivíduo é mão-de-obra*. No caso do submundo, a *cooperação com o diagrama empresarial é pré-requisito para a capatazia*. Este laçao de nível médio está comprometido com seu mandante. Trata-se de um cargo de confiança. Considerando que o submundo opera invisível, sem denúncias, há quase três décadas, é possível concluir que as operações contra a dignidade humana têm sido bem-sucedidas.

Uma vez decifrado o papel dos mandantes ocultos enquanto atores intelectuais na engrenagem do submundo, a argumentação avança na direção da apreensão de *quem são* e *como operam* seus fiéis capatazes.

CAPATAZES (OCULTOS E EVIDENTES)

Os capatazes são corpos dóceis, que servem com lealdade aos tomadores de decisão. Trata-se de alguém da classe trabalhadora que defende os interesses da cadeia de comando. Covardes, não denunciam o *modus operandi* do submundo independentemente das atrocidades presenciadas contra os direitos humanos em sua jornada de trabalho. O objetivo final das suas funções é a reprogramação do imaginário social (dos consumidores e das vítimas).

A presente pesquisa separou esses sujeitos em duas categorias distintas: (i) ocultos e (ii) evidentes. Majoritariamente, o homem destina-se ao cargo de capataz oculto enquanto a mulher destina-se ao cargo de capataz evidente. As consequências da exposição são potencialmente mais nocivas para a mulher do que para o homem, já que este está protegido enquanto a mulher está exposta: do consumidor à trabalhadora, dos mandantes aos capatazes. Observa-se claramente que “as diferenças entre o feminino e o masculino são transformadas em desigualdades hierárquicas através de discursos masculinos sobre a mulher, os quais incidem especificamente sobre o corpo da mulher” (CHAUÍ, 1985, p. 27).

Capatazes ocultos

A estrutura de um *site* adulto é um diagrama complexo, semelhante à das empresas de tecnologia *mainstream*. Todos os setores são cuidadosamente organizados. Em geral, as operações do submundo são executadas a partir de um planejamento corporativo que considera os seguintes departamentos:

- I. **T.I.**¹²: Desenvolvimento da plataforma digital, sistemas, *softwares*, algoritmos;
- II. **Legal/Compliance**; Elaboração de contratos; fiscalização das normas da empresa.
- III. **Financeiro/R.H.**¹³: Gestão de contas; contabilidade; fluxo de caixa; controle de investimentos; acompanhamento de custos; pagamento dos profissionais; contratações e demissões.
- IV. **Base de dados/Business Intelligence**: Fornecimento de informações e dados para a tomada de decisões (tais como direcionamento de tráfego de usuários para as profissionais).
- V. **Atendimento ao Cliente**: Atendimento ao público por *e-mail* e telefone (produtoras de conteúdo erótico e consumidores/usuários).
- VI. **Marketing/ Comunicação empresarial**¹⁴: Planejamento estratégico (*marketing* de serviços/ fidelização do público); comunicação pública da empresa (anúncios na superfície e no submundo das redes interativas, acordos corporativos etc), gestão de vendas (pré-venda, pós-venda, fidelização dos clientes).

Considerando que este estudo concentra-se na área de comunicação e cibercultura, a especificação do mapeamento da capatazia restringiu-se aos setores diretamente relacionados à comunicação na rede na intenção de desvelar o simulacro empresarial que propositalmente confunde violência contra a mulher com entretenimento com a vítima.

Equipes de Marketing

Seguindo a lógica corporativa de qualquer outro mercado, os departamentos de marketing são responsáveis pelo estímulo do desejo de oferta e de demanda. Assim como ocorre na superfície, a manipulação é sutil o suficiente para que ambos os lados não identifiquem o processo de domesticação. Com o devido resguardo da sua proteção identitária, o capataz oculto das equipes de *marketing* é contratado para executar as funções:

12 Sigla para Tecnologia da Informação.

13 Sigla para Recursos Humanos.

14 Porta-vozes da empresa enquadram-se na tipificação “*Capatazes evidentes*”, sendo, geralmente, mulheres. A temática é abordada no próximo tópico deste artigo.

- I. Representar os mandantes e executar parcerias entre os *sites* do oligopólio cibercultural;
- II. Compor os *e-mails marketing* do *site*;
- III. Direcionar o tráfego de usuários para as trabalhadoras mais domesticadas;
- IV. Elaborar os anúncios publicitários confundido as vítimas e o tecido social sobre o submundo;
- V. Escrever as *reviews*¹⁵ dos *sites* adultos encorajando as assinaturas, vendas de conteúdo etc.

Para que não restem dúvida acerca do cenário draconiano do submundo em análise, é possível resumir o passo-a-passo da armadilha publicitária contra as vítimas da seguinte maneira:

Direcionamento da publicidade da capatazia para o público feminino: falácia do empoderamento feminino

Em termos operacionais, os capatazes ocultos das equipes de marketing ocultos são encarregados de simularem que o investimento da empresa em publicidade é um *benefício* para as mulheres ao invés de uma *violência contra os seus direitos fundamentais*. Como exemplo dessa violência simbólica é possível citar o artigo “*Tudo que rolou por aqui na 1ª parte de 2023*”, publicado em 31 de julho de 2023 pelo monopólio oligárquico do país e direcionado para as trabalhadoras da plataforma. O texto *simula* explicar como funcionam os investimentos de *marketing* da empresa a partir da exposição da imagem das mulheres em *sites* pornográficos. A narrativa é feita de modo que a violência *ilegal* da exposição vitalícia e não-remunerada da mulher em *sites* adultos pareça o seu oposto, isto é, uma grande estratégia de *marketing* digital, excelente para a empresa e para a mulher individualmente:

*Xvideos*¹⁶ e Parceiros: Mensalmente, **investimos muito em divulgação** do Câmera Privê **em sites de tube e voltados para o público adulto**, naquele clássico formato de *pre-roll* ao estilo “*Oi, eu sou a Emme White e estou te esperando no CameraPrive.com!*”, ou seja, **vídeos curtos de anúncio exibidos antes do vídeo escolhido pelo usuário**. Neste primeiro semestre, **batemos o recorde em investimentos nessas plataformas, aumentando em 22% o capital investido nessas campanhas** em comparação ao mesmo período do ano passado. Somente em cadastros feitos a partir dessas campanhas tivemos um salto de 13% de novos usuários e, em recargas, o valor chegou a ficar 15% maior do que no mesmo período em 2022. Nosso objetivo é superar os 20.000 usuários conquistados apenas com **esse tipo de publicidade** em 2022 e superar a marca de 30.000 novos clientes até dezembro! A ótima notícia é que já estamos chegando quase na marca de 18.000 novos clientes conquistados em 2023, rumo à meta!

15 Como exemplo é possível citar as páginas “Testosterona” (<https://www.testosterona.blog.br/category/camera-privé>) e “ThePornDude.com” (<https://theporndude.com/pt/1580/cameraprive>). Esse tipo de página é um trabalho financeiramente remunerado. Acesso em 29/08/2023.

16 Site disponível pelo *link*: <https://www.xvideos.com/>. Acesso em 1º/09/2023.

Observa-se que a manipulação do submundo pela capatazia implica em adormecer a consciência crítica da mulher, manipulando-a por meio das seguintes violências simbólicas:

- I. Da narrativa simulada de que a exibição da imagem feminina em *sites* adultos sem qualquer ônus é “investimento em campanhas de *marketing* digital”;
- II. Da narrativa desonesta de que a mulher é mediatizada nos outros *sites* adultos como “*top model*”, quando, em verdade, ela é completamente degradada.

No caso da mencionada publicidade, essas observações (em torno da violência), aparentemente genéricas e abstratas, remetem, ao contrário do que sua semântica sugere, à imagem de mulheres objetificadas e desumanizadas para fins de comércio pelos *sites* adultos. Cronicamente esparramada pela rede, o discurso infantilizado e romantizado atravessa todos os anúncios publicitários direcionados para as mulheres. O tópico a seguir revela como a mulher, de fato, é apresentada no *Xvideos* e *sites* parceiros para consumo dos homens.

Direcionamento da publicidade da capatazia para o público masculino: violência explícita contra a mulher

Conforme visto no exemplo acima, o artigo da empresa de *webcamming* tem a intenção de manipular as trabalhadoras, fazendo-as acreditar que sua imagem é utilizada como recurso de publicidade positiva para a mulher. Entretanto, os *sites* pornográficos veiculam vídeos, fotos e *gifs* dessas mulheres em associação a textos nos quais elas estão sendo humilhadas e degradadas, anunciadas como mercadoria gratuita para consumo do homem heterossexual. Tendo em vista que o objetivo da pesquisa é demonstrar como o sistema de capatazia do submundo opera, as vítimas não são expostas na argumentação — apenas os *sites* que são cúmplices desta violência e os textos do comercial. Para efeito de comprovação da violência, a pesquisa menciona *exclusivamente* os anúncios do Câmera Prive no *Xvideos* e parceiros:

Todos Os Anúncios Do Câmera Prive Do Xvideos! Putas amadoras, o melhor está aqui!

Veja agora mesmo os melhores **vídeos pornôs de Casadas Putas!** Esperamos que você esteja gostando e aproveitando muito os nossos maravilhosos **vídeos de esposas putas**, todos nossos vídeos de sexo tem a intenção de proporcionar o melhor prazer para você, espero que você caro usuário esteja gostando dos nossos **vídeos de mulheres de corno**. Por isso que pedimos para que você aperte CTRL+D no seu teclado, salve nosso **site** nos favoritos e volte sempre!¹⁷ — casadasputas.net

Sua esposa vai odiar este site. Basta enviar uma mensagem e pedir para foder. Sem cartão de crédito! Sem inscrição! Sexo rápido! Sem Tretas! Ver imagens!¹⁸

— xvideosbuceta.blog

¹⁷ Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://casadasputas.net/todos-os-anuncios-do-camera-prive-do-xvideos>. Acesso em 31/08/2023.

¹⁸ Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideosbuceta.blog/porno/camera-prive-anuncio/>. Acesso em 31/08/2023.

Putinhas deliciosas sentando e fazendo putaria deliciosa Câmera Privê.

Assista agora esse bellissimo video amator delicioso com essas safadinhas deliciosas metendo gostoso com bastante malandragem e **muita cachorrada grátis**¹⁹ — xvideosfoda.com

Câmera Privê - vizinha gostosa caiu na nef fodendo escondido. Essa bela putinha do Câmera Privê estava com muita vontade de transar²⁰ — xvideo.vlog.br

Câmera Privê - bucetuda gostosa toda meladinha de tesão²¹ — pornoprive.xxx

Câmera Privê gostosas na putaria em menage bom aonde as mulheres gemem alto sendo fodidas todinhas²². — xvideos10.blog.br

Câmera Privê modelo peituda em putaria bem boa com o macho que esta fodendo a cachorrona assanhada no sexo²³. — xvideos10.blog.br

Vadia safada do Câmera Privê levando grande cacete²⁴. A putona bem linda na transa esta com o cacete do macho em sexo lhe comendo todinha em uma medida com calor aonde a putona nua adora poder ter a rola do macho a comendo todinha. — xvideos10.blog.br

A metodologia utilizada para encontrar os anúncios se deu a partir de uma busca nos anúncios *Google*, digitando “*CâmeraPrivê + Xvideos*”. Essa busca obteve aproximadamente 11.600 resultados. A opção por destacar somente 8 anúncios entre os resultados se dá pela suficiente demonstração do conteúdo encontrado através desta amostra.

No intuito de desvelar quais *sites* adultos da rede são parceiros do *Xvideos*, foi preciso pesquisar seu agente de tráfego. No canto inferior da página oficial do *Xvideos* há a seção “publicidade”. Ao clicar nesta seção²⁵, o *site* informa que a empresa *TrafficFactory* é a única responsável por seus anúncios:

TRAFFIC FACTORY PREMIUM AD NETWORK

Deseja anunciar no XVIDEOS.com?

Trafficfactory é o único *xvideos ad network* no mundo. Como uma rede de anúncios sabemos que, oferecendo aos anunciantes as ferramentas para segmentar usuários corretamente, eles podem alcançar o maior *ROI* possível.

Inscreva-se agora!

Registre-se conosco hoje e experimente um excelente serviço ao cliente, mais fácil de gerenciar campanhas e maiores resultados.

19 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideosfoda.com/putinhas-deliciosas-sentando-e-fazendo-putaria-deliciosa-com-os-safados-camera-privel/>. Acesso em 01/09/2023.

20 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideo.vlog.br/amadoras/>. Acesso em 29/08/2023.

21 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://pornoprive.xxx/camera-privel/>. Acesso em 29/08/2023.

22 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideos10.blog.br/camera-privel-gostosas-na-putaria-em-menage/>. Acesso em 01/09/2023.

23 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideos10.blog.br/camera-privel-modelo-peituda-em-putaria-bem-boa/>. Acesso em 01/09/2023.

24 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideos10.blog.br/vadia-safada-da-camera-privel-levando-grande-cacete/>. Acesso em 01/09/2023.

25 Seção disponível pelo *link*: <https://main.trafficfactory.biz/xvideos-signup>. Acesso em 01/09/2023.

Utilizando a mesma metodologia de busca com o novo componente (*CâmeraPrivê + Xvideos + TrafficFactory*), foi possível encontrar os *affiliates* (parceiros) da *TrafficFactory* associados ao *Xvideos*, e, conseqüentemente, ao *Câmera Privê*. A busca no *Google* resultou em aproximadamente 115.000.000 resultados. Segue a lista de alguns dos *sites* que reproduzem — sem consentimento — as imagens das mulheres cadastradas na plataforma de *webcamming* *Câmera Privê* em *sites* pornográficos:

1. <https://pt.pornhub.com/video/search?search=camera+prive>
2. <https://www.xvideos.com/?k=camera+prive>
3. <https://xvideosfoda.com/?s=camera+prive>
4. <https://casadasputas.net/todos-os-anuncios-do-camera-prive-do-xvideos>.
5. <https://xvideosbuceta.blog/porno/camera-prive-anuncio/>
6. <https://xvideosbuceta.blog/porno/camera-prive-gostosas/>
7. <https://xvideo.vlog.br/?s=camera+prive>
8. <https://xxxvideos.blog/camera-prive/>
9. <https://pornoprive.xxx/camera-prive>
10. <https://www.musasporno.com/?s=camera+prive>
11. <https://xvideosbr.blog/?s=camera+prive>
12. <https://xxxvideos.blog/?s=camera+prive>
13. <https://xvideos-tv.com/?s=camera+prive>
14. <https://https://xvideosbr.blog/?s=camera+prive>
15. <https://pornogratis.tv.br/?s=camera+prive>
16. <https://xvideos10.blog.br/?s=camera+prive>
17. <https://pornobrasileiro.tv/?s=camera+prive>
18. <https://sexogratis.blog/?s=camera+prive>
19. <https://videosexo.blog.br/?s=camera+prive>
20. <https://pornogratis.tv.br/?s=camera+prive>
21. <https://xvideos5.com.br/?s=camera+prive>
22. <https://www.xvideosbrasil.com/?s=camera+prive>
23. <https://xvideos-net.com/?s=camera+prive>
24. <https://xvideos-hd.blog/>
25. <https://xvideospornor.com/?s=camera+prive>

Neste momento, é fundamental deixar claro que a presente pesquisa mapeou apenas os *sites* de pornografia — *Xvideos* e seus parceiros — que foram mencionados pelo site de *webcamming* — *Câmera Privê* — como seus afiliados no setor. O efeito é de

demonstração da teoria descrita. Relembra-se, portanto, que *o sistema de capatazia da indústria adulta digital inclui coligação entre todas as empresas do oligopólio cibercultural e a falácia do empoderamento da mulher.*

A ativista canadense Laila Mickelwait²⁶ dedica-se à denúncia do sistema de capatazia completo da empresa *MindGeek/PornHub*, suas outras marcas adultas (*Xvideos, Xtube, YouPorn, RedTube, Brazzers*) e demais parceiros de mercado. Seu trabalho de investigação resultou no projeto “*Justice Defense Fund*” e no movimento global “*TraffickingHub*”, que atualmente soma 2.2 milhões de assinaturas em 192 países, ao longo de mais de uma década de investigação. O foco dos projetos de Mickelwait é provar a relação entre tráfico humano e submundo adulto, além de denunciar vídeos eróticos nos quais há exploração de menores de idade e estupro de mulheres.

O impacto das denúncias de Mickelwait sobre o panorama do submundo internacional é massivo. Com essa iniciativa, 194 vítimas sentiram-se encorajadas a denunciar a empresa e 8 processos foram movidos nos Estados Unidos e Canadá. Em 2020, o escândalo nas redes sociais foi tamanho que o *PornHub* foi permanentemente banido das principais redes sociais (*Instagram, Youtube, TikTok*), com exceção do *Twitter*²⁷.

Em vídeo divulgado em 13 de setembro de 2023, a jornalista infiltrada Arden Young²⁸, em parceria com o projeto *TraffickingHub*, expõe conversa com o capataz oculto, Mike Farley, responsável pelo gerenciamento dos produtos da marca *PornHub*. O capataz reconhece que o fator fundamental é gerar receita para o *site*. No momento em que Young inicia o questionamento sobre tráfico humano, Farley não se esquivava em dizer que “claro que os *content partners* estão envolvidos nisso, mas essa é uma decisão do *VIP department*”. No decorrer da entrevista, a jornalista também pergunta se ele tem medo do governo (canadense) descobrir as operações sigilosas da empresa. O capataz diz que não dá a mínima porque “são todos burros e não sabem de nada”. Não à toa, Laila Mickelwait classifica o *Pornhub* como uma “cena de crime”, visto que não há verificação da idade ou consentimento dos envolvidos para *upload* dos vídeos nesta plataforma.

De acordo com a reportagem “Por que o *site* pornô *Pornhub* é ameaçado de fechamento em petição que alega conteúdos criminosos?”²⁹, publicada na revista *Rolling Stone Brasil*, em 16 de junho de 2020, o *site* recebe 115 milhões de visitas e ultrapassou 40 bilhões de acessos em 2019. Segundo o próprio capataz entrevistado, há uma década atrás, a empresa tinha apenas 6 funcionários, e hoje dispõe de mais de 300 indivíduos em sua equipe.

Conforme percebido, o segmento avança vorazmente e os capatazes ocultos cumprem importante função na reprogramação do imaginário social, que vai desde

26 O *site* oficial da ativista canadense Laila Mickelwait pode ser acessado pelo *link*: <https://lailamickelwait.com/>. Acesso em 13/09/2023.

27 O vídeo pode ser acessado pelo *link*: <https://www.instagram.com/p/CommandKQqK-7/>. Acesso em 13/09/2023.

28 O vídeo pode ser acessado pelo *link*: <https://soundinvestigations.com/>. Acesso em 13/09/2023.

29 Reportagem disponível pelo *link*: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/por-que-o-site-porno-pornhub-e-ameacado-de-fechamento-por-conteudos-criminosos/>. Acesso em 13/09/2023.

confundir as vítimas sobre a atividade laboral até degradá-las nos anúncios publicitários para consumo do público masculino. Neste ponto da argumentação, chama-se atenção para o seguinte aspecto: os anúncios direcionados ao público masculino demonstram que *os homens acessam sites adultos para consumo da violência contra a mulher, e não para conexão com a mulher*. A oposição é completa em relação à narrativa cínica da publicidade empresarial direcionada para a vítima.

Abrangendo essas preocupações, é possível constatar que a principal mercadoria do submundo *não* é o trabalho sexual, a monetização do corpo feminino na rede, e/ou a interação do homem com a mulher (nua ou não) na rede em tempo real. O produto dos *sites* adultos é a violência contra a mulher e a dominação ideológica dos sujeitos, que coaduna na reprogramação do imaginário social. Não sem motivo, o consumo de experiências verticais, assimétricas e desumanizadas é estimulado em detrimento de relações horizontais, simétricas e humanizadas. Diante dessas colocações, é possível deduzir que o processo de alienação desemboca na domesticação (reprogramação) do imaginário social para aumento das práticas de consumo cuja intenção é a manutenção do *status quo*: a dominação do homem sobre a mulher.

Capatazes evidentes

Mapeando este horizonte temático compatível com época em curso, a interatividade ocupa eixo prioritário nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida cotidiana (TRIVINHO, 2007). Conforme justificado, os mandantes das empresas adultas não medem esforços para ocultar a sua identidade e dissuadir *fake news* com a finalidade de reprogramar o imaginário social. Para tanto, as empresas procuram por indivíduos majoritariamente do gênero feminino para divulgarem as narrativas fabricadas pelos capatazes ocultos. Essas mulheres são objetos de anúncios publicitários empregadas com o objetivo de legitimar a violência contra as vítimas. Desatinadas pela visibilidade *mediática*, utilizam os meios de comunicação (interativos³⁰, mistos³¹ ou de massa³²) para defender que a perda de todos os direitos à privacidade e à proteção de dados (fotos, vídeos e apelido) para o resto da vida de uma mulher é equivalente ao “empoderamento feminino”, à “liberdade” e ao “empreendedorismo”. Nessa órbita de fatores, importa diferenciar a vítima do submundo desses indivíduos do gênero feminino nomeados como “capatazes em evidência”:

30 Tratam-se de casos envolvendo a parceria entre submundo e influenciadoras com perfil em redes sociais, tais como *Instagram, Twitter, Facebook, TikTok, etc.*

31 Tratam-se de casos envolvendo a parceria entre submundo e influenciadoras em meios híbridos, tais como *Youtube, Podcasts, etc.*

32 Tratam-se de casos envolvendo influenciadoras com participação em meios de comunicação de massa, tais como *reality shows* na televisão (aberta ou a cabo).

- I. As “capatazes em evidência” são vítimas da visibilidade mediática — que reveste o modelo de mundo em curso, esteio do capitalismo atual —, mas não do submundo. As capatazes estão cooperando com o submundo, visto que representam as empresas mediante remuneração financeira para tal.
- II. A vítima do submundo é a mulher que está sendo reprogramada pelos anúncios das empresas, que são mediatizados pelas capatazes evidentes, e, assim, assinam o contrato de renúncia dos direitos autorais do seu conteúdo íntimo.

Uma vez compreendida a diferença crucial entre os termos-conceituais, a presente pesquisa mapeou três categorias distintas de capatazes em evidência: (i) *representantes dos sites adultos*, (ii) *influenciadoras digitais*, e (iii) *coaches*.

Representantes dos sites adultos

As representantes das empresas enquadram-se no nível médio de laçaios do sistema de capatazia feminino. Essas mulheres são treinadas para darem entrevistas em nome das empresas representando os mandantes ocultos. Vale lembrar que os homens se protegem enquanto expõem as mulheres, portanto, as mulheres assumem cargos de “CEO”, mas apenas reproduzem as narrativas dos mandantes ocultos. Essas mulheres são responsáveis por treinar vassalos de nível inferior da cadeia hierárquica do submundo: as capatazes-*influencers* e as *coaches*, que, por sua vez, exercem a função de recrutar as vítimas para participarem do jogo mortífero do submundo. Como demonstração de operação da capatazia na tipificação “evidente” intitulada “representantes dos sites adultos” podemos citar a entrevista³³ publicada em 07 de dezembro de 2021, da COO (*Chief Operating Officer*) do *camsite* americano *Chaturbate*³⁴, Shirley, que é quem patrocina a 8ª edição do evento “*Live Cam Awards*” (LCA), dirigido pela romena Alexandra Georgia:

EN: LCA – *What is our mission and purpose as a company?*

SHIRLEY: *Chaturbate's mission and purpose is to be the industry-leading interactive streaming platform that offers the entire CB community an accepting space for their fantasies, kinks, and connections.*

PT: LCA — Qual é a missão e o propósito da empresa?

SHIRLEY: A missão e o propósito do *Chaturbate* é ser a plataforma de *streaming* interativa líder da indústria que oferece a toda a comunidade do CB [*Chaturbate*] um espaço de aceitação para suas fantasias, perversões e conexões.

33 A entrevista completa da COO (*Chief Operating Officer*) do *camsite* *Chaturbate* (<https://chaturbate.com/>) Shirley, foi publicada em 07/12/2021 na página oficial do evento *Live Cam Awards* (LCA) e está disponível pelo *link*: <https://bitly.com/GWdWu> Acesso realizado em 10/12/2021.

34 *Chaturbate* (<https://chaturbate.com/>) é um *camsite freemium*, fundado em 2011, precursor das principais atrocidades humanas cometidas pelo setor, atualmente principal dominante do mercado. Isto é, principal patrocinador de todos os eventos, feiras, convenções e revistas da indústria adulta em todo o mundo. Os patrocinadores são quem, de fato, determinam os vencedores das “premiações”, pois são quem financiam, e, portanto, controlam todos os acontecimentos deste segmento de mercado.

EN: LCA – *What are your company's current goals?*

SHIRLEY: *Chaturbate's mission is and always has been to provide an accepting platform for users to explore themselves and their sexuality. Our goal is to empower broadcasters to be successful, healthy, and happy. (...) Chaturbate is also committed to continuing to be a technology leader.*

PT: LCA – Qual é o objetivo atual da sua empresa?

SHIRLEY: A missão do *Chaturbate* é e sempre foi missão fornecer uma plataforma de aceitação para que os usuários explorem a si mesmos e sua sexualidade. Nosso objetivo é empoderar as profissionais para que sejam bem-sucedidas, saudáveis e felizes (...) *Chaturbate também é comprometido em continuar sendo líder em tecnologia.*

O trecho da entrevista de Shirley comprova que o foco da empresa é estimular a perversão nos consumidores por meio da tecnologia cinicamente anunciada como “interação” e “conexão”. Trata-se, portanto, de um exemplo claro e nítido da perspectiva teórica de Trivinho (2021) sobre o funcionamento do submundo: “há muito se sabe que a barbárie escreve cru na contraface o que a civilização, com toneladas de positivismo mediático, escamoteia no anverso”³⁵.

*Influenciadoras digitais*³⁶

Considerando a *visibilidade mediática* como parte intrínseca do processo civilizatório vigente, a proposta do submundo consiste em utilizar os meios de comunicação como cúmplices da barbárie. Assim, as influenciadoras digitais do submundo são contratadas para afirmar — na primeira pessoa do singular — que se sentem “empoderadas” ao entregar o direito vitalício das suas imagens aos proprietários invisíveis dos *sites* adultos, bem como para postar “*selfies*” com camisetas que tenham o *logo* do *site* adulto. Nesses casos, quanto maior for o nível da reprogramação da influenciadora digital (busca por “engajamento”, seguidores” e “curtidas”), maiores são as chances dessa mulher não perceber a manipulação à qual estão sendo submetidas.

Sobre a temática, Ruth Breslin (2023), Pesquisadora líder do Programa “*The Sexual Exploitation Research Programme*”³⁷ da *College University* (Irlanda), exemplifica a manobra:

35 Artigo publicado na Revista *Cult*, “*Magmas do Submundo*”, em 20 de dezembro de 2021. Acesso disponível pelo *link*: <https://revistacult.uol.com.br/home/magmas-do-submundo>. Acesso realizado em 22/12/2021.

36 A crítica da pesquisa refere-se *especificamente* ao descalabro do submundo contra os direitos humanos e não à atividade profissional de uma influenciadora digital.

37 O artigo completo da pesquisadora está publicado no *site* “*Beyond Exploitation*” e está disponível em língua inglesa pelo *link*: <https://www.beyondexploitation.ie/guest-blog/guest-blog-the-insidious-dangerous-nature-of-only-fans/?fbclid=IwAR21OgPOHrGp2GbiwyksYsIf2Tk7ikUM7wFo78MLikcSmmH2G6-8vb9rC7E>. Acesso em 18/01/2023.

O fluxo constante de títulos midiáticos que chamam atenção para histórias sobre criadoras de conteúdo se tornando milionárias faz parte da narrativa pensada para normalizar e propagar o *OnlyFans*. Mas a realidade é que apenas 300 de seus 1.5 milhões de criadores (ou seja, 0.02%) realmente ganhou toda essa quantidade de dinheiro, com os top 1%, perfis com um imenso e usualmente pré-existente seguidores nas mídias sociais, representando 1/3 de todo o dinheiro gerado. Em óbvio contraste à esses milhões, na média uma criadora de conteúdo ganha menos de 145 dólares por mês (aproximadamente 780 reais na conversão atual)³⁸.

Observa-se a importância da contratação das capatazes evidentes: confundir as vítimas sobre a possibilidade de ganhos e encobrir a violência contra a mulher. Neste vídeo (Mais que 8 minutos #069) de 28 de maio de 2021³⁹, o apresentador declara que o quadro é patrocinado pelo *site* adulto Câmera Privê: “Este vídeo é um oferecimento de: Câmera Privê, onde você pode bater... Um papo”. Assim, a entrevistada logo se apresenta defendendo a plataforma do proprietário oculto e deixando claro que o trabalho dela é o de divulgar o *site* em que aparece em anúncios publicitários, gravando as narrativas em primeira pessoa do singular dizendo que se apresenta sem calcinha na plataforma e que espera pelo usuário. A moça explica que a relação entre todos os envolvidos é comercial, intencionalmente fabricada com o objetivo de prosperar o discurso da empresa para a superfície. Cabe pontuar que o exemplo citado demonstra a teoria descrita para o corpo científico. Não há julgamento moral, tampouco há intenção de ofender a honra dos participantes do vídeo. O foco da pesquisa é desvelar o *modus operandi* do submundo adulto de tal sorte que não restem dúvidas sobre a reprogramação do imaginário social.

Coaches

Em continuidade aos delírios do submundo contra os direitos humanos, as “*coaches*”, são indivíduos sem qualquer formação acadêmica, que se auto intitulam “mentoras” e “professoras” em busca de “alunas”. O objetivo dessa atividade profissional consiste em recrutar novas vítimas para os *sites* adultos mediante remuneração financeira pela venda de cursos *online* e aliciamento por *affiliate links*.

No que tange o efeito das *coaches* sobre as vítimas, a matéria “Tive *burnout* como *camgirl* e precisei aprender a viver em minha personagem”⁴⁰, publicada no UOL, em 05 de junho de 2023, revela depoimento de *camgirl* do Câmera Privê. No corpo do texto, a vítima declara ter sido instruída pela *coach* sem formação acadêmica: “*Não tá na merda? Então tenta*”. Nas palavras da vítima:

38 O texto foi traduzido e publicado para a língua portuguesa pela página “*Recuse a clicar*” em 18.jul.2022 e está disponível pelo *link*: <https://www.instagram.com/p/CgKv4o3MBMm/>. Acesso em 18/01/2023.

39 A entrevista completa está disponível no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=jKK4yB5YZ10>. Acesso em 29/01/2023.

40 O artigo “Tive *burnout* como *camgirl* e precisei aprender a viver em minha personagem”, publicado no UOL, em 05.jun.2023, está disponível pelo *link*: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2023/06/05/tive-burnout-como-camgirl-e-precisei-aprender-a-viver-em-minha-personagem.htm>. Acesso em 05/06/2023.

Foi um processo de *burnout* e, aos poucos, fui perdendo completamente o tesão de me arrumar, ficar gata e logar pra conversar. Fui ficando de saco cheio mesmo. Muita gente sem educação, muita gente que passa completamente do limite com você. Sem nem estar te pagando”, conta ela, explicando que parte da interação com os clientes do *site* **é grátis - brindes e papos exclusivos são pagos à parte.**

Neste momento da argumentação, é imprescindível reconhecer os elementos que diferenciam as vítimas das capatazes. A reportagem da revista Gama intitulada “Da pornografia às *camgirls*: liberdade sexual ou novas prisões”⁴¹, redigida pelo jornalista Leonardo Neiva, publicada em 18 de junho de 2023, traz o seguinte depoimento:

A *camgirl* [que prefere não se identificar] confessa a Gama que a atividade que desempenha não tem nada a ver com liberdade sexual. Pelo contrário, está ligada à realidade cada vez mais precária do trabalho contemporâneo.

Observa-se o cuidado das trabalhadoras em não se identificarem ou se preservarem quando o assunto é expor o sofrimento. Já os depoimentos das influenciadoras e *coaches* remuneradas pelos *sites* caminham da direção contrária: são canais de *Youtube*, *TikTok*, *Instagram* e afins com **publicidades pagas**, nas quais as capatazes publicam inúmeras *selfies*, gravam *stories*, defendem as empresas, têm milhares de seguidores e estão desatinadas pela visibilidade *mediática*.

A somatória dos seguintes fatores: (i) abandono do poder judiciário internacional, (ii) contrato violento de prestação de serviços contra as vítimas e (iii) sistema de capatazia bem delineado apontam, inevitavelmente, para o manejo cauteloso do objeto de estudo, sem, no entanto, deixar de trazer para a zona da visibilidade a violência do submundo. Tamanha violência estrutural tem escala mais alargada e preocupante: para essa engrenagem sistêmica, o pensamento crítico é uma ameaça.

Em suas obras, a filósofa Hannah Arendt (1978, 1999, 2015) questiona o papel da mulher na sociedade, a violência e o poder. A filósofa defende que a massificação da sociedade fabricou uma multidão domesticada, subserviente a ordens ilógicas, que objetivam a manutenção do patriarcado. Aplicando o recurso teórico ao objeto de estudo, todos os monstros do submundo não são percebidos como mandantes e capatazes (ocultos e evidentes), mas como “funcionários zelosos” (ARENDR, 1999). Trata-se do “idealismo furioso do sentido” (BAUDRILLARD), isto é, uma experiência de vida na qual toda informação qualificada é deliberadamente destruída pelos *media* e transformada em simulacro publicitário.

Nessa linha argumentativa, Chauí (1984) afirma que quem está no topo da pirâmide do controle social não se preocupa com quem está embaixo. Nessa lógica, vale tudo — inclusive confundir aprisionamento vitalício da mulher aos mandantes ocultos de um cartel com empoderamento da mulher. Neste ponto da argumentação, importa considerar que a

41 A reportagem completa pode ser lida pelo *link*: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/voce-e-livre/pornografia-cam-girls-liberdade-sexual-novas-prisoas-onlyfans/>. Acesso em 13/08/2023.

reflexão debruça-se sobre o abuso de poder da classe dominante. Não há dúvidas de que o ator social responsável pela elaboração do contrato e das cláusulas inquestionáveis é quem está no poder. Constatase que a violência contra a mulher é inerente à atividade profissional, isto é, uma imposição do submundo sobre a vítima. Diante dessas colocações, *é dever da ciência situar-se de modo crítico contra a regressão histórica dos direitos fundamentais e da violência contra a mulher que permeia o modus operandi do submundo cibercultural.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme constatado, os *sites* adultos são bases tecnológicas, regidas por proprietários ocultos, cujos efeitos incontroláveis e danosos, no Brasil e no mundo, estão diretamente implicados na violência contra a mulher. Até o presente momento, as discussões sobre o oligopólio cibercultural do submundo e suas negligências empresariais inaceitáveis são escassas. Entre as negligências empresariais inaceitáveis está o contrassenso entre a violência contraconstitucional do contrato de prestação de serviços e a violência invisível e simbólica dos anúncios publicitários dissuadidos pela capatazia do setor. A gravidade do fato está acima de qualquer questionamento. A desinformação sobre o contrato de prestação de serviços associado ao simulacro publicitário espalha risco de confundir aprisionamento vitalício com empoderamento feminino e liberdade da mulher. Não há liberdade em um modelo de negócios predatório que condiciona a mulher a cessão da sua imagem à proprietários ocultos, bem como a impede de denunciar os seus agressores, independentemente da violência moral, patrimonial e sexual que sofre nas plataformas digitais. Tratamos, aqui, de um retrocesso histórico inconcebível contra os direitos sociais e civis das mulheres articulados por meio de um sistema de capatazia. Sendo assim, podemos concluir que defender o Estado Democrático de Direito significa posicionar-se contra o submundo da cibercultura.

Com a razão desdobrada, conclui-se que o submundo da cibercultura é plagiador de vários procedimentos capitalizadores da miséria humana. O império da dominação ideológica dos sujeitos por grandes oligopólios conquistado a partir do cálculo frio de métricas de consumo, não é invenção do submundo. A novidade desta pesquisa debruça-se sobre o desvelar de uma engrenagem sistêmica violenta específica — e invisível — que até então não foi sequer mapeada. O processo de tomada de consciência do passo-a-passo das operações deste mercado aponta para o desvelar de ambientes de criação de conflitos que impactam o rumo do processo civilizatório pela reprogramação do imaginário social (reconfiguração programada por algoritmos do sistema de símbolos que compõe o imaginário em prol da sua substituição por simulacros de base ideológica patriarcal).

Considerando a fração conhecida do fenômeno, entende-se que há necessidade de se iniciar o debate sobre como as empresas que detém o controle deste mercado

sejam responsabilizadas pelas atrocidades cometidas contra os direitos humanos — especialmente sobre a violência contra a mulher — em ampla proporção. Tendo em vista que o avanço tecnológico é exponencial e inevitável, considera-se que a falta de legislação contribui para a ascensão dos vetores cada vez mais violentos da indústria adulta digital.

Do ponto de vista da defesa dos direitos humanos, não é crível a ausência de uma regulamentação jurídica, abarcando a responsabilização cível e criminal dos responsáveis por gerir um mercado que degrada sobremaneira a mulher. Conclui-se que a temática deve ser pautada pelos órgãos públicos, especialmente o poder legislativo na intenção de conter os danos descritos ao longo deste trabalho de pesquisa.

Do ponto de vista das ciências da comunicação, aponta-se que o fenômeno em questão depende do canal *mediático* para a sua reprodução em contexto tecnocultural. A relevância de trazer as operações sigilosas do submundo para a alfândega universitária é a possibilidades de leitura dos discursos *mediáticos* do setor com a devida consciência. Desse modo, fica claro que a indústria adulta digital é um objeto de estudo de significativa relevância para as teorias críticas da comunicação e da sociofenomenologia dos processos invisíveis da cibercultura

REFERÊNCIAS

ARENDRT, H. **O sistema totalitário**. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

_____. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAITELLO JR., N. **Corpo e imagem: Comunicação, ambientes, vínculos**. In: RODRIGUES, D (Org). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

_____. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, Distrito Federal: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 04.dez.2023

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Participando do debate sobre mulher e violência**. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. São Paulo: Zahar Editores, 1985.

_____. **Cultura e democracia**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **O que é ideologia? Aula magna com transmissão** no dia 07 de abril de 2023. Disponível em: <https://event.webinarjam.com/t/click/m193lanzu2w9u03xprs9yvz5c6v79xc465hg>.

Acesso em 07.abr.2023.

_____. **Para que filosofia? Aula magna com transmissão** no dia 31 de agosto de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R2m1Bf_URPE. Acesso em 31.ago.2023

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**. São Paulo: Papyrus Editora, 2003.

MAGOSSI, P. G. **Reprogramação no ciberespaço**: um estudo sobre a gradativa reprogramação psicoafetiva e sexual da civilização tecnológica atual e seus efeitos sociais. In: **II Encontro Virtual da ABCiber**, 2021. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2021/paper/viewFile/1581/757>. Acesso em 23.ago.2022.

_____. **Vigilância algorítmica e reprogramação do imaginário social**: códigos invisíveis do submundo. In: **XIV Simpósio Nacional da ABCiber**, 2021. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber14/paper/view/1708/819>. Acesso em 23.ago.2022.

_____; MIKLOS, J. **Masculinidade tóxica e masculinidade flácida**: o homem reprogramado pelo submundo do ciberespaço. In: **III Encontro Virtual da ABCiber**, 2022. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/Vitual2022/paper/viewFile/1825/845>. Acesso em 10.fev.2023.

_____. **Vítimas internas do submundo**: Reprogramação algorítmica e ideológica do imaginário feminino. In: **XV Simpósio Nacional da ABCiber**, 2022. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber15/paper/view/1854/895>. Acesso em 17.mai.2023.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo: necrose. vol. 2. São Paulo: Forense, 1986.

_____. **O homem e a morte**. Portugal: Europa-America, 1988.

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Espaço público, visibilidade mediática e cibercultura**: obliteração estrutural da esfera pública no cyberspace. São Paulo: cópia reprográfica e digital, 2009.

_____. **Visibilidade mediática, melancolia do único e violência invisível na cibercultura**: significação social-histórica de um substrato cultural regressivo da sociabilidade em tempo real na civilização mediática avançada. In: **XIX Encontro Nacional da COMPÓS**, 2010. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_287.pdf. Acesso em 25 ago.2021.

_____. **O híbrido perverso**. In: **Revista Cult**, 18 de maio de 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-hibrido-perverso/>. Acesso em 08.jan.2023.

_____. **Magma do Submundo**. In: **Revista Cult**, 20 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/magma-do-submundo/>. Acesso em 13.set.2023.

_____. **O suspeito silêncio dos intervalos factuais**. In: **Revista Cult**, 28 de agosto de 2023. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/silencio-intervalos-factuais/>. Acesso em 31.ago.2023.

ZUBOFF, S. **A Era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2021.